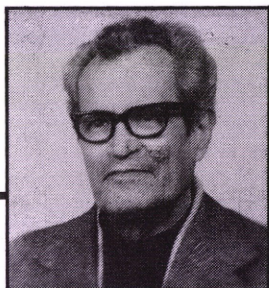


SALESIANO
JÚLIO NUNES



**Irmãos Salesianos
e Amigos do senhor Júlio**

Por meio desta carta-memória comunicamo-vos o acontecimento da morte deste nosso irmão. Anima-nos a esperança de que, perdendo-o na terra, a nossa comunidade alcance no Céu um intercessor.

Em atitude de partilha da tristeza, aproveitamos a oportunidade para recordar as circunstâncias do seu calvário.

Referimos também alguns dados da sua vida e da sua personalidade humana e salesiana.

Com esta memória desejamos oferecer a todos um estímulo ao crescimento e realização da vocação a que todos fomos chamados, na fé e no carisma de S. João Bosco.

1. O acontecimento da morte

Partiu para Deus — a verdadeira morada do homem — na noite do dia 6 de Agosto de 1977, às 22.30 h. Partiu daqui, da Escola Salesiana do Estoril, onde trabalhou e viveu os últimos dez anos da sua vida.

Junto dele, nessa hora, a sua hora, estavam salesianos, uma sua irmã e uma sobrinha. Estavam aqueles que o acompanharam mais de perto durante a sua longa e dolorosa doença.

Sofrendo, o seu leito foi-se transformando num altar e o seu quarto num santuário onde se sentia a serenidade e a paz das grandes horas. Foi assim, num ambiente supremamente eucarístico, que o senhor Júlio nos deixou.

Sentindo a grandeza desta hora e o espírito que animava este acontecimento, a irmã do senhor Júlio repetia espontaneamente com ele e por ele, já sem fala: «Graças a Deus! Graças a Deus!» Graças a Deus pela paz, pela serenidade com que partia ao encontro do Pai. A sua vida apagou-se como a luz de uma vela que chega ao fim. Sentimos assim a sua morte como o coroamento natural de uma vida que se foi dando.

Pela presença da comunidade salesiana e pela presença da sua família, a hora da sua morte foi um acontecimento verdadeiramente familiar. Quando desejou, na antevéspera da morte, recebeu o sacramento da Santa Unção. Sentia aproximar-se a sua hora e queria deste modo identificar-se até ao fundo e até ao fim com o Mistério de Cristo, dando sentido à própria morte. Depois, confortado com a virtude

deste sacramento, recordando naturais momentos de desencontro pessoal, com uma suprema vontade de purificação, ia pedindo repetidamente «desculpa» a todos por tudo, dizendo a todos: «obrigado», «obrigado».

2. O longo calvário

Em Fevereiro de 1976 revelou-se o mal que o havia de consumir. As análises e radiografias então feitas não deixaram dúvidas aos médicos quanto à gravidade da doença. O mal era evolutivo. Começava o seu doloroso calvário.

Após a operação cirúrgica a que foi submetido e na qual foi privado de todo o estômago, ainda sentiu forças e coragem para tentar fazer a sua vida normal, com espanto de todos. Passou os meses de Verão com a família, na Madeira, de onde regressou com boa disposição e aparentemente restabelecido.

Retomou o seu trabalho na cantina e no bar, numa fase complicada de reestruturação destes serviços da Escola. Na sua azáfama transparecia uma extraordinária afirmação de vida, no fundo a lutar contra a morte.

Voltou uma vez mais ao Funchal para estar com um seu irmão mais velho nos últimos momentos de vida, vítima do mesmo mal de que o senhor Júlio sofria.

A vontade de trabalhar era bem mais forte do que a debilidade física ia permitindo. Nas horas de ponta ainda aparecia pelos seus lugares de trabalho e dava a sua colaboração. Trabalhou até ao limite das das suas forças. Quando estas lhe faltaram de todo e as dores aumentavam de intensidade, foi aconselhado a fazer novas análises e radiografias. Diagnosticaram metástases em desenvolvimento por todo o corpo, com as consequências de uma progressiva paralisia: primeiro, o braço esquerdo, depois as pernas, a seguir os pulmões e, finalmente o cérebro.

A morte é para o homem o último dos inimigos e a última possibilidade. «Morte e Vida combateram» na alma do próprio «Príncipe da Vida». Desta luta não foi isento o senhor Júlio. Não foi para ele fácil assumir esta realidade. Custava-lhe reconhecer que não houvesse remédio para o seu mal e que fosse tão limitado o poder da ciência humana. Pouco a pouco, porém, confortado pela virtude da fé, foi vencendo essa resistência.

Os médicos tiveram desde o início, cerca de um ano antes, pleno conhecimento da gravidade da doença e da impossibilidade da cura. Mas, ao longo de todo o tempo em que esteve retido no leito acompanharam-no com a sua presença activa e amiga e com os oportunos e possíveis recursos da medicina.

Quando o desenvolvimento da doença começou a ter como consequência uma paralisia progressiva por quase todo o corpo, tornava-se difícil dar resposta às exigências do seu estado.

Pusemo-nos em comunidade várias hipóteses de solução: hospital, Casa Provincial (por parecer que oferecia boas condições) ou continuar na comunidade. Por sua manifesta vontade e dos irmãos, optou-se por esta última solução, que se viria a revelar a solução ideal devido, em grande parte, à admirável presença e edificante serviço de uma irmã e de uma sobrinha que vieram propositadamente da Madeira. Por sentirmos que tudo se fez da melhor forma possível, ficou em todos a alegria do dever cumprido.

Esta é uma *mensagem* e um *testamento* para todos os seus amigos, também para todos os alunos da nossa Escola, que crescem e irradiam vida e para quem tem sentido «falar da vida». É apenas necessário, para ser fiéis a este testamento, que essa vida seja como a vida de que ele falava e que, pela fé, nos é dada em Jesus Cristo, que disse: «Vim para que tenham vida em abundância».

7. Despedida

Esta ocorreu com simplicidade e profundo espírito religioso e fraterno. Salesianos de várias comunidades, Filhas de Maria Auxiliadora, Empregados, Cooperadores e Antigos Alunos marcaram a sua presença dedicada e amiga.

A concelebração de exéquias foi bem o sacramento de toda uma realidade vivida na fé: a páscoa da morte à vida. Em volta do corpo defunto do senhor Júlio, tudo era sinal de ressurreição. E o canto litúrgico marcou bem esta ideia de fundo com os «aleluias» e o «ressuscitou, ressuscitou».

A palavra do Senhor, celebrada, meditada e partilhada, ajudou a todos na melhor compreensão e vivência do mistério que estava a celebrar-se. E, confortados com o «pão da vida», pusemo-nos a caminho, em direcção ao comitério do Estoril. Foi uma romagem de despedida, na oração e no recolhimento.

O corpo do senhor Júlio ficou depositado no jazigo da Família Salesiana.

Aí deixámos mais uma prece por ele e por todos os nossos irmãos salesianos cujos restos mortais descansam nesse cemitério.

E regressámos com a lição aprendida: vale a pena acreditar em Jesus Cristo e, por Ele, sentirmo-nos seriamente comprometidos uns em relação aos outros, na fraternidade.

Temos a certeza que Maria Auxiliadora, S. João Bosco e todos os nossos Santos Salesianos abriram alas no paraíso para receber este nosso irmão que na paz, na serenidade e no amor, passou desta comunidade para aquela. Que Deus o tenha em bom lugar!



Com a comunidade salesiana do Estoril, com toda a sua família e amigos, recordai na vossa oração o senhor Júlio e suplicai que seja recebido no «Banquete de manjares escolhidos preparado pelo Senhor dos Exércitos para todos os povos no Seu monte Santo» (Is 25,6). Que a ausência física seja penhor de uma feliz presença espiritual e que esta comunidade, que perdeu um irmão e um colaborador na terra alcance um intercessor no Céu, para que a nossa Escola e a nossa Província possam realizar dignamente a missão que lhes está confiada.

Estoril, 6 de Outubro de 1977.

OS SALESIANOS
DA COMUNIDADE DO ESTORIL

Datti per il necrologio:

Coad. Nunes Giulio, nato a Funchal (Madeira)

Morto a Estoril, il 6 Agosto 1977, a 66 ani di età.

5. O salesiano

Como *homem de trabalho e de piedade*, o senhor Júlio realizou com perfeição o modelo de salesiano querido por D. Bosco.

Apesar de ter entrado na vida salesiana já com certa idade, manifestou com esta síntese da oração e da acção uma inteligência profunda do ser salesiano.

Cremos que foi proclamado feliz e entrou no reino porque, no seu sector, vivia para os mais pequenos, dando de comer aos que tinham fome e de beber aos que tinham sede. Vivia assim para a juventude. E, pela fé e pela piedade, sabia a quem dava de comer e a quem dava de beber.

O senhor Júlio possuía algo de genial nas suas intuições e nas suas realizações. São expressão desses traços da sua personalidade o modo como concebeu e concretizou a estrutura e o serviço do bar e da sala de jogos da Escola Salesiana do Estoril; o requinte com que preparava um almoço de festa, criando, pela disposição das coisas e pela decoração, um ambiente familiar de bem estar.

Quem não recorda o seu gosto e habilidade em preparar, pelo Natal, um original presépio? Quem não recorda a sua dedicação às flores e ao arranjo do jardim, com invulgar sensibilidade e gosto? Quantas vezes era solicitado para orientar a preparação do ambiente de acontecimentos festivos: um almoço de casamento, uma missa-nova, um aniversário!

A ninguém passava despercebida a dureza com que, por vezes, manifestava o seu desacordo com modos de ser e de fazer dos seus colaboradores. Era um dos traços da sua personalidade. Mas todos reconhecem também a rectidão e justeza com que encarava as situações, colocando sempre o bem da comunidade acima de tudo, não tolerando de modo algum abusos ou sobreposições individuais. Claro que esta atitude criava naturais momentos de tensão. Mas também sabia clarificar equívocos e pedir «desculpa». E a grandeza de um homem mede-se também pela capacidade de saber pedir «desculpa».

6. O seu “testamento”: “Falai da vida!”

Referimo-nos, com este título, às suas últimas palavras.

Recebemo-las como uma mensagem e um testamento espiritual e assim as transmitimos.

Cerca de uma hora antes de nos deixar, falava-se, a meia voz, da morte de seu irmão, ocorrida há uns meses. Os salesianos e familiares que discorriam sobre esse acontecimento não imaginavam que o doente estivesse a acompanhar as considerações que se faziam. Improvisadamente, reunindo as suas últimas forças, interrompe-os e exclama: *“Não faleis da morte! Falai da vida!”*.

Foram as últimas palavras e as últimas palavras são testamento e última vontade.

Este apelo à vida, que nós sentimos como a síntese maravilhosa da vida de um cristão, de um salesiano, na hora da morte, transporta-nos, pela Fé, ao Mistério de Jesus Cristo, no qual a Vida triunfa definitivamente sobre a morte. Cremos que esta grande síntese seria impossível sem as pequenas sínteses do dia-a-dia, que o senhor Júlio foi realizando, sacrificando-se pelos jovens confiados ao cuidado dos Salesianos. Foi morrendo no cumprimento do seu dever, com generosidade e doação, para que a vida crescesse nos jovens e irmãos que servia.

3. Alguns dados da sua vida

Nasceu em S. Martinho, Funchal (Madeira), a 13 de Fevereiro de 1911. A família de onde nasceu não é certamente alheia ao dom da sua vocação. Cremos que a sua família, profundamente cristã, foi um lugar privilegiado da manifestação do chamamento de Deus. De facto, a família do senhor Júlio é uma fraternidade natural, extraordinariamente unida e solidária com todos os seus membros e em todos os momentos. Nesta comunidade familiar, a mãe ocupava um lugar central. Por ela, falecida há poucos anos, nutria o senhor Júlio e outras pessoas da família uma extraordinária veneração e carinho. Era, pela virtude humana do trabalho e pela virtude cristã da fé, uma figura veneranda e exemplar.

O meio turístico e a sua indústria hoteleira determinaram a actividade profissional do senhor Júlio. Iniciou o seu trabalho em hotéis do Funchal. Tendo aprendido com facilidade o inglês, partiu para Inglaterra, sempre na mesma profissão. Regressado a Portugal, continuou a profissão em hotéis de Lisboa e do Estoril.

Mas, devia ir mais longe.

A sua profunda piedade, a participação nos sacramentos, a amizade de Monsenhor Moita, então prior da Igreja de Santo António do Estoril, fizeram com que fosse convidado a trabalhar nos serviços da paróquia. Aqui — são muitas as testemunhas — além de exímio no desempenho do seu trabalho, era modelo de homem de fé. Após o cumprimento das suas tarefas, dedicava longo tempo à oração junto do sacrário e do altar de Nossa Senhora.

E chega às portas da casa salesiana.

4. A vocação

A Igreja Paroquial do Estoril, onde o senhor Júlio trabalhava então, foi um lugar privilegiado para o encontro com a vida salesiana. De facto estava a paredes-meias com a Escola Salesiana. Foi vendo e ouvindo; foi conhecendo os salesianos e a sua missão; foi descobrindo a vida da comunidade salesiana pelo convívio com os salesianos que ia conhecendo, muito particularmente o senhor padre Ismael de Matos, por quem o senhor Júlio sentia especial veneração.

Deus quis e o senhor Júlio sonhou a aventura de ser salesiano. Em 1950 entra na primeira casa de D. Bosco — Editorial Salesiana (Porto). Em 1956, após a experiência feita, entra no Noviciado. Em 1957 faz a sua primeira consagração pública a Deus na vida salesiana, que renova em 1960 e torna definitiva em 1963. A partir da sua entrada na comunidade salesiana, foi desempenhando a sua missão onde era exigida: 1957-58, em Manique; de 1958 a 1966, na Escola da Imaculada Conceição (Porto); em 1966-67, trabalhou no Oratório de S. José, em Évora. Aí o foram solicitar para a Escola Salesiana do Estoril, onde viveu dez anos (1967-1977), dando vida a uma obra: o bar e a sala de jogos da Escola.

Quantas marcas do seu trabalho, quantos frutos da sua habilidade e dedicação encontramos pela Escola!

Em todas as obras salesianas onde trabalhou, desempenhou sempre o mesmo serviço profissional, a muitos títulos sacrificado, como é o serviço da cozinha, da dispensa, da cantina.

